

## ENCONTROS em Lisboa

# Crianças em risco



**A** PROVEITAMOS as férias da Páscoa para dar uma pequena volta aos jardins, batata e cebolo. Pode-se dizer que toda a gente andou um pouco na jardinagem, em contacto com o mundo da natureza, vendo e experimentando como se semeia, planta, sacha e se dão os outros cuidados necessários para que as plantas se desenvolvam da melhor maneira possível.

No meio desta azáfama, o Marinho deixou-se também embalar por conta própria. Tem dez anos. Na escola pouco aprende. Não lhe falta, no entanto, espírito de iniciativa, bem servido por aquele simpático ar atrevido que o caracteriza. Decidiu dar uma «ajuda». Num canteiro semeado de relva, havia alguns dias, pôs-se a cavar como gente grande. Informaram-me dos seus trabalhos e cuidados. Fui ter com ele. Indagado, respondeu: — *Era para fazer jardim, não estava aqui nada.*

Com alguma assistência, que se foi juntando, expliquei que, quando se lança a semente à terra, é preciso um certo tempo para ela germinar. Temos que ter paciência para que, no aconchego da terra, e também no segredo do mundo da natureza, a pequena planta comece a sair da terra. Só depois é que se vê o resultado do trabalho. No meio destas explicações, aparece o Tiago que, sem se importar com o que estava a ser dito, dispara: — *Eh sor Padre, o Marinho tem plantas escondidas, daquelas que andaram a plantar na entrada!* Estava desvendado o segredo. O Marinho queria mesmo fazer ali o seu jardim.

Mandei ir buscar as plantas. Grande decepção: estavam todas murchas e algumas já praticamente secas! Mais uma lição alargada a vários ouvintes. As plantas precisam de um meio estável para viver, precisam de terra boa, de cuidados de rega e monda. Sem terra, água e sol as plantas não se desenvolvem. Não podemos tirá-las da terra e depois ficarmos à espera muito tempo sem as colocar novamente no meio onde possam crescer e se desenvolver. Depois, também não podemos andar a mudá-las de um lado para o outro. — *Pois, acrescentou o Ruben, ficam todas amarelas e morrem!*

Assim me ficou na memória algum tempo de um sábado de Abril, à tarde.

A natureza com suas leis e suas regras bem definidas e que precisamos de aprender a respeitar se queremos algum êxito. Contrariar estas regras é seguir o caminho do fracasso.

**N**ESTA tarde de Abril andavam, na minha cabeça, outras reflexões e preocupações que o dito episódio interrompeu. Faz, no entanto, parte da nossa vida sermos surpreendidos pelo inesperado. E o inesperado aconteceu. Comecei a misturar o que andava na minha cabeça com o episódio de que me tornei actor.

Com efeito, na minha mente andavam preocupações com as soluções para as crianças em risco. Apesar das grandes evoluções humanas que vão desde a natureza até à criação da cultura, nenhuma cultura pode subsistir se infringir as regras da natureza nas quais se tem de basear. O nosso mundo urbano tem produzido muitas coisas que infringem o mundo da natu-

reza e a que se chama cultura urbana e vemos que isso acaba por se voltar contra o próprio homem.

Nas soluções para as crianças em risco, creio que se estão a infringir leis da natureza quando a criança se torna um brinquedo nas decisões de muita gente à procura de projecto para a criança.

Projecta-se que saia da família e seja colocada numa família, a que chamam colocação familiar. Depois, numa ama. Depois, não se dá bem com a ama ou a ama se cansou e vai para uma instituição; e, entretanto, ainda vai passando algum tempo em centros de acolhimento temporário. Como se não bastasse, depois ainda se pensa reorientar o projecto, porque crescer numa instituição é a pior das coisas, e é preciso ir para uma prima, uma vizinha ou um outro parente que, quando a criança estava em risco nunca se importaram, etc.... A criança passou por tantas

Continua na página 3

## CALVÁRIO

## Saborear o café

**P**ARA quem trabalha e se afadiga ao longo do dia, a noite é período de merecido repouso, mas também de proveitoso balanço.

O Carlos, depois de arrumar tudo quanto lhe pertencia executar, vem ter comigo e desfecha:

— *Eu mereço e tenho.*

— *Mas tens o quê?*

— *Um cafézinho. Anda. Eu mereço e tenho.*

Descemos os dois em direcção ao nosso bar, pequeno, rústico, acolhedor. O Carlos, atrás de mim, esfrega as mãos de contente. Ele é um rapaz limitado, mas muito útil. E tem mais consciência das suas capacidades do que dos seus limites.

Os iletrados possuem qualidades, valores que nem sempre são apreciados e desenvolvidos. Quando, porém, são postos à prova mostram quanto valem.

O homem moderno pensa que só o poder material dá estatuto; que só o saber adquirido na escola valoriza; que só a ostentação demonstra a personalidade. Quando tudo isto não existe, quando o padrão de vida não segue por aqueles caminhos o homem é tido como inferior.

Ora os valores maiores estão dentro dele. Mas raramente se reconhece a valia dos que não seguem as pisadas dos «normais», porque não querem ou não podem. Felizmente muitos não querem e naturalmente muitos também não podem.

Contudo, estes últimos têm sempre alguns dotes. É preciso descobri-los e pô-los a render. Muitos andam perdidos, desaproveitados. Muitos ficam até atrofiados por não haver quem acredite neles. As suas qualidades inatas de realização, de doação, de entrega ficam por despontar.

Andamos a tentar descortinar novos planetas no céu e esquecemo-nos de procurar tantos seres humanos na nossa órbita a quem podíamos dar oportunidade de se manifestarem.

Continua na página 3

## Criaditas dos Pobres

**E**STE tempo Pascal, tempo de Alegria e de Esperança, trouxe-nos uma provação que cremos e queremos seja verdadeiramente quaresmal: algo que Deus permite; e que uma vez vivida na aceitação fiel e humilde do Seu desígnio, há-de eclodir em novos Aeluías.

Quando Pai Américo pensou em Miragaia, em cobrir aquela escarpa com casinhas airoas que respondessem à urgência gritante de algumas famílias que vegetavam naquela zona ribeirinha sobre-saturada de miséria, não julgava ir resolver aquele imenso caos. Queria, sim, chamar a atenção para o mal gravíssimo que há muito vinha tratando em suas visitas assíduas e alertando povo e poderes com suas crónicas sobre o Barredo. Aquele «presépio», tão à vista de quem passasse pela velha Alfândega, seria uma interpelação e daria para pensar que o mal tinha cura, assim houvesse vontade decidida de o curar.

Fez dia 15 passado quarenta e quatro anos que as casas foram entregues aos seus moradores, alguns dos quais ainda lá estão. E como ocorria naquele ano o centenário de D. António Barroso, por quem Pai Américo nutria grande estima e admiração, muito satisfeito acolheu a proposta do Sr. D. António Ferreira Gomes e com o nome daquele corajoso lutador e santo Bispo foi baptizado o Bairro. Memória de três Homens maiores que paira sobre ele como bênção!

Para Pai Américo, porém, não bastavam as casas. Os que as iam habitar eram o objectivo privilegiado do seu zelo

e da sua solicitude. E ele bem sabia que, das condições infra-humanas de que eles vinham, era necessário que fossem assistidos no acordar na nova situação, não os deixando como quem sai de um sonho, mas como quem enceta nova realidade.

As Criaditas dos Pobres estão presentes no pensamento de Pai Américo desde que a construção do Bairro principiou. Aliás em todas as realizações do Património dos Pobres esta exigência de quem acompanhe depois os moradores é condicionante, ao ponto de ele dizer: «Onde não houver Vicentinos não se façam casas».

E já que estamos em maré de recordações doces, deixem-me lembrar nesta hora de sabor amargo, outro inquieto, o Engenheiro Nascimento da Fonseca, alma escondida no que nesta área da Habitação Social então realizou a Câmara do Porto, a quem tanto preocupava a assistência aos moradores transferidos de «ilhas» e «barracas», sem a qual o bem da transferência se reduzia a pouco em termos de humanização, de verdadeiro progresso social.

Pois as Criaditas vieram para o Porto, meses depois, logo que ficou pronta a casa a elas destinada e destinada também a Creche e Infantário. Acompanharam desde o nascimento muitos dos filhos daquelas famílias cuja vida partilhavam momento a momento. São elas a causa e a explicação de um sentido familiar, que, apesar de e por sobre muitas

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**ACAMADA** — As vicentinas tratam duma mulher solteira, há oito anos, cuja família a desconhece... — por ser doente, acamada, e já na fase terminal.

Cuidam da enferma como podem e sabem. Não lhe tem faltado nada, graças a Deus. Especialmente o carinho e a devoção das voluntárias.

Entretanto, o seu mal agravou-se, precisando de ser internada num hospital. Depois, noutro.

Nesta fase, as samaritanas sofreram a incompreensão de estranhos, subestimando o serviço diário, anónimo, de quem procura servir os mais pobres.

**EXCLUSÃO SOCIAL** — Num colóquio internacional sobre esta temática, realizado na Capital, com a presença de sociólogos, antropólogos, assistentes sociais, etc. — gente culta no domínio do Social — chegaram à conclusão de que a maior miséria (material, evidentemente), se verifica entre as mulheres; e, a maior parte, «nos agregados domésticos representados por uma mulher».

Um diagnóstico da situação!

**PARTILHA** — Assinante 35161, de Carregosa:

«Envio o cheque do costume para aquilo que os Pobres mais necessitam. Numa altura em que me sinto angustiada com as loucuras deste mundo, espero poder aliviar o sofrimento de alguém com a minha pequena oferta. Tudo seria bem mais fácil se os homens se deixassem de guerras e pensassem em ajudar os Outros. Não preciso de agradecimento, pois estou a cumprir a minha obrigação. Bem hajam.»

A Beatriz é cristã responsável.

Fiães (Feira) — presença da assinante 31254, cuja missiva tem um pensamento de Cícero: «Viver sem amigos não é viver». Eis a carta: «Junto a minha mensalidade de Maio (9.500\$00). Que esta pequenina ajuda para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, se vá juntar a outras maiores, são os meus desejos. Deus vos proteja e dê coragem para continuarem ao serviço dos Outros. Agradeço o anonimato.»

O estímulo faz sempre bem. «Uma portuense qualquer» manda, de dois em dois meses, por vale do correio, dez mil escudos, pela Posta Restante de S. Roque da Lamreira — Porto. Agora, a «migalhinha relativa a Maio e Junho de 1999. Não precisam de agradecer.»

Retribuímos o abraço, também.

Assinante 22119, de Sernadelo — Mealhada:

«Dentro das minhas possibilidades, venho contribuindo

com algumas migalhas e a intenção primeira de ajudar quem tenha casa degradada ou a necessitar de reparações. Hoje, com a mesma intenção, segue outra oferta. Bem hajam.»

Temos desses casos em mãos.

De um bairro, do Amial — Porto, por vale do correio, 3.000\$00 da assinante 29565, oferta para «uma necessidade mais urgente da vossa Conferência» e pelas intenções de seu irmão.

A remessa habitual da assinante 31104, de Lisboa:

«Como a situação de F, me vem muitas vezes ao pensamento, pensei juntar os aumentos que recebi, acrescentando alguma coisa para que, neste mês, receba um pouco mais. Rezem por mim. Eu continuarei, enquanto puder, a auxiliar os vossos Pobres.»

O habitual cheque, de 3.000\$00, do assinante 42971, de Ovar, «mantendo as minhas intenções. Não precisam de agradecer.»

Braga: Por vale do correio, 5.000\$00 «para os Pobres. Não é preciso recibo» — sublinha a portadora da oferta.

O mesmo, do assinante 42037 de Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**VISITANTES** — Neste domingo recebemos uma excursão de quatrocentas pessoas. Visitaram a Casa, assistiram a uma festa nossa, etc.

Foi um dia em que a nossa Aldeia esteve no máximo, embora não seja a primeira vez.

**MÚSICA** — Há algum tempo que temos uma sala que o nosso Padre Júlio escolheu para os rapazes que aprendem música, com diversos instru-

mentos: viola, piano, flautas, bateria, etc. Não são muitos, mas vai dando...

Agora, falta aprender o necessário para sabermos tocar.

**SOL** — Já espregitei, embora com nuvens. Mas, às vezes, caem umas pinguinhas. Depois, volta outra vez o sol. Ficamos à espera, mas não deve tardar que ele fique mais tempo, no horizonte, para nos dar alegria.

Rui Manuel Silva

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS**

— Neste domingo de sol primaveril pusemo-nos a caminho, logo a seguir ao almoço. Começámos pela Margarida e acabámos na zona ribeirinha do Porto. Fomos surpreendidos por aqueles que visitávamos. Neste domingo não houve queixumes, mas sorrisos e boa disposição. A própria Margarida, apesar da sua doença, exibiu um sorriso de candura. Os seus movimentos e a coloração da pele eram de gente saudável, o que nos fez regalar os olhos.

Pareceu-nos tudo normal. Só ouvimos e pouco falámos. Mais à frente vêm os filhos da Lipe em correria: «A minha mãe não está. Foi ver a minha irmã». Mas, o outro acrescenta: «O meu pai está em casa».

Ele pouco nos adiantou do que precisávamos saber e tem sido difícil encontrá-lo nas nossas visitas. Talvez por isso só nos abanava a cabeça e sorria. Ficou a promessa de nos encontrarmos mais vezes.

As outras visitas também foram de pouca conversa e muitos sorrisos. Ficámos surpreendidos porque demoraram pouco mais de metade do tempo que costumávamos gastar.

Parámos junto ao rio e interrogámo-nos: — Porque foi este domingo diferente dos outros?

Após algum silêncio ouço a minha companhia a citar as palavras de Pai Américo que desejamos partilhar convosco:

«Eu não me canso de recomendar... que, se ainda não têm, peçam a Deus o jeito, a queda, o dom de visitar os Pobres. Que tenham dor; que sejam por eles. Que jamais os troquem por outras riquezas, que eles, os Pobres, são a verdadeira riqueza. Muitos profetas quiseram ver Jesus e morreram sem o terem visto. Nós somos mais do que esses profetas. Nós podemos ver Jesus. Nós podemos curar as feridas, podemos dar pão, podemos ouvir a história dos trabalhos de Jesus e sofrer com Ele. Podemos, sim senhor. Temos os Pobres no mundo!...»

Agora, encontrámos a resposta. Sem o Espírito recomendado fomos por aí fora; só sorrisos.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE**

— «Um cheque de quinze mil escudos para os fins que entenderem», de amigo do Porto. Anónimo, doze mil escudos entregues no Lar. Mais cinco mil escudos, doutro. Mil escudos, da Rua Sá de Miranda, Braga.

Bem hajam pela ajuda que nos dão.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

A Adelaide e Zé Alves

## Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

**SEDE** — Andamos atarefados com a melhoria da nossa sede, a fim de disponibilizarmos mais espaço para outras actividades lúdicas e desportivas. Decidimos que o bar, no andar superior, por ser pequeno para tantos sócios, ficaria melhor no piso térreo, mais amplo e com maior capacidade para convívio, para além de se poder aceder directamente ao jardim com espaço suficiente para as *tropelias*, do agrado da miudagem.

Estão quase prontas as obras do novo bar, executadas com o

esforço de uns, a persistência de outros e a dádiva de outros tantos. Temos agora o problema de mobilar o espaço com mesas e cadeiras onde nos possamos sentar, a comer e a beber, por entre dois dedos de conversa sobre tudo, mas especialmente sobre nós e o desporto. Sim, que no intervalo dos jogos televisados, também por aqui há treinadores de bancada e gente que muito percebe de futebol, ou não tivesse-nos a nossa equipa, que já nos tem representado em alguns encontros — mais no intuito de ganhar alguma experiência.

É aqui que queremos a vossa ajuda. Alguém que tenha mesas e cadeiras usadas (daquelas que se utilizam nos cafés e bares) e no-las queiram ceder a troco de um *obrigado*. Aceitamos e agradecemos de boa vontade. Há-de haver por aí algum café, bar ou restaurante, ou mesmo outras entidades que estejam a remodelar instalações e que, em vez de deitarem fora as mesas e cadeiras, no-las possa oferecer. Ficamos à espera de poder enviar o tal *obrigado*.

**ASSEMBLEIA GERAL**

— Outro ponto, agora mais relacionado com os sócios: chegou a altura de quem dirige este barco prestar contas do ano que findou e informar do que pretende fazer para o próximo. As boas contas fazem os bons amigos e, apesar de sermos uma *organização desorganizada*, gostamos muito de os ter connosco.

Assim, no próximo dia 10 de Junho, pelas 10 horas e 30 minutos, realiza-se a Assembleia Geral anual, na nossa sede: Av. Independência das Colónias, 8-A (junto ao estádio do Bonfim). Para que tudo esteja devidamente preparado, devem confirmar a vossa vinda para aquela morada, ou para os telefones: (065) 232044, 239594 (este último apenas em hora de expediente do comércio).

Compareçam, pois a Associação é um local privilegiado para o reencontro com as origens. E quando esquecemos o passado, não podemos olhar para o futuro descansados, nem com os olhos postos no horizonte e sem medo.

**ENCONTRO ANUAL** — Última nota: não esqueçam que o primeiro domingo de Julho, dia 4, é o encontro anual na nossa Casa. Anota já na tua agenda, para não esqueceres.

Fernando Pinto

## Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

**ASSEMBLEIA GERAL** — Como o previsto, reunimo-nos, às 10 horas, no passado dia 11 de Abril, na Casa do Gaiato do Tojal, os antigos gaiatos de Lisboa a fim de aprovarem os Estatutos e elegerem os Corpos Sociais conforme a convocatória.

Depois da aprovação dos Estatutos, passou-se à eleição dos Corpos Sociais. A lista única ficou assim:

**Assembleia Geral** — Presidente, Nuno Silva; Secretário, José Luís Pinheiro; Vogal, Vitor Manuel Braga.

**Direcção** — Presidente, Eurico Moreira; Vice-Presidente, Paulo Renato (Cela); Secretário, Mário Miranda (Marinho); Tesoureiro; José Olindo (Zé do Porto); 1.º Vogal, Luís Miguel (Fontes); 2.º Vogal, José Manuel Silva Nunes (Silva); 3.º Vogal, Alfredo Coelho (Piloto).

**Conselho Fiscal** — Presidente, Tomás da Conceição; Secretário, Manuel António; Vogal, António Sanches.

Ficou também aprovado que a quota mínima mensal seria de 100\$00 (independentemente de quem queira contribuir com mais, segundo as suas posses).

Às 12 horas, foi celebrada a Eucaristia pelo nosso Padre Cristóvão que, durante a homilia, realçou a frase de Pai Américo: «A Obra nasceu pequenina como é próprio das coisas destinadas a ser grandes».

Assim, por analogia, saibamos nós fazer da nossa Associação o mesmo.

De seguida, passámos ao refeitório. «Que rico almoço!»

Foi a vez da invasão ao bar dos rapazes! O bagaço não devia ser mau porque auto-desapareceu em pouco tempo, em detrimento de bebidas mais finas.

Às 16 horas, fizemos uma visita guiada às antigas instalações da Casa, hoje recuperadas, sendo cicerone o Padre Cristóvão que nos foi mostrando as verdadeiras obras de arte em azulejo, algumas das quais únicas em Portugal.

Cerca das 17 horas, o Grupo Coral de Mafra encantou-nos com alguns trechos do seu vasto repertório. Obrigado.

De novo nos encaminhámos para o refeitório, para a merenda — e que merenda!

Finda a tarde, cada um rumou a sua casa, na esperança de nos encontrarmos mais vezes.

Eurico Moreira

## Carta de Malanje

A guerra em Angola tem abatido muita gente e tem desanimado muitas pessoas. Muitas crianças morrem de fome; outras, abandonadas dos seus pais por causa da sangrenta guerra sem fim.

Em Malanje a guerra tem sido de muito medo e insónias. Vejo muitas mulheres grávidas a desfalecer por causa da fome. Crianças tristes a pedir pão e roupa. Jovens soldados a pedir alimentos e medicamentos. Outros a pedir cobertores para se agasalharem. As mulheres a pedir sabão. Mutilados a pedir leite para os seus filhos e para a esposa que «teve» o seu bebé. Homens e mulheres idosos a pedir comida e toda a ajuda.

A tuberculose é imensa! A destruição terrível! Isto é a guerra que muitos ignoram. Mas uma missionária com sensibilidade religiosa não lhe passa despercebida esta situação desumanizadora. Quem nos dera abundância de leite em pó, arroz, conservas de carne ou peixe; sabão em barra e outros produtos

de higiene pessoal e comunitária; medicamentos: vitaminas e analgésicos, antipiréticos e antipalúdicos.

Agradecemos todas as ajudas de roupas novas e cobertores. Em nome do povo de Malanje e meu, muito obrigada.

Por outra parte queria agradecer aos amigos malanjinos e amigos dos gaiatos, os brinquedos recebidos.

Os rapazes dizem: — *Obrigado por gostarem de nós.*

Maria Luísa Nogueira

## PENSAMENTO

Bate no peito, de arrependido,  
e caminha enquanto há luz,  
que depressa vem a noite.

PAI AMÉRICO

Continuação da página 1

Há muita frustração, atrofiamiento e desprezo, quando devia haver atenção, dedicação e fé nas capacidades dos mais fracos.

Em nossa Casa a todos damos oportunidade de se manifestarem. O tempo provou que é acertado o nosso lema — *Obra de Doentes, para Doentes, pelos Doentes* — como o vai sendo, noutras circunstâncias, nas Casas do Gaiato.

É curioso que estes doentes têm consciência do que valem e que o seu trabalho e

# Calvário

empenhamento merecem o nosso olhar, o nosso apreço.

— *Eu mereço e tenho.*  
E com tão pouco se recompensam — um cafézito!

Hoje, que tantos reivindicam tudo, estes Pobres tão pouco pretendem no final da labuta diária.

— *Posso levar uns rebugados ao Boavida e ao João?* — suplica-me o Carlos.

— Mas eles já dormem!  
— *Eu acordo-os. Eles também merecem.*

E com as mãos cheias de rebugados, o Carlos dá-me as boas noites e desanda.

— *Eu mereço e tenho.*  
Quem dera que fosse esta a convicção de quantos, à noite, no sofá, saboreiam a sua chávena de café.

Padre Baptista



É curioso, os doentes têm consciência do que valem.

## ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

mãos, nunca lhe foi dada a estabilidade, conheceu tantos meios, viu tantos modelos, submeteu-se a tantas orientações normativas que só pode dar em desorientação, relativização de tudo e, finalmente, tornar-se terra de ninguém, sem que exista uma voz, uma pessoa ou um outro significativo capaz de acordar nela o sonho da dignidade humana com uma vontade, um lugar e uma liberdade a conquistar.

Creio que quem há já muito tempo tem dado a sua vida para «dar solução à criança em risco», deveria ser ouvido um pouquinho, ao menos. De um momento para o outro parece que se descobriu a pólvora. Tudo o que existia, é mau e ultrapassado. Vamos para o novo sem fundamentação, sem experiência, fazendo tábua rasa de experiências pedagógicas que durante longos anos se mostraram adequadas à solução do problema. Infelizmente, estamos condenados a ver passar à nossa frente «ovos de colombo» consoante as cabeças que se encontram à frente de determinados postos durante algum tempo.

Costuma o nosso povo dizer que «quem sabe da poda é o podador». Isto não implica que o podador não possa evoluir e aprender. Presisa é de uma aprendizagem consistente e não lançar-se em novas modas só porque está na moda e a sua experiência lhe provou que não resultava. Estamos a falar de crianças em risco e elas não podem estar submetidas a experiências sucessivas porque só têm uma vida para viver.

Esperamos que não venha a acontecer que, um dia, tenhamos que nos lastimar e dizer como diz um texto da liturgia deste tempo: «A pedra rejeitada pelos construtores, veio a tornar-se pedra angular».

Padre Manuel Cristóvão

BENGUELA

## Retalhos de vida

«**R**ETALHOS de vida» é um local que, de vez em quando, aparece n'O GAIATO, a contar a vida de algum pequeno gaiato. Um pedaço da sua história.

Lembrei-me deste nome ao contemplar, de manhã, o dia que começa, cheio de sol, prenúncio do cacimbo que não tarda a chegar. Mais, um grupo de trabalhadoras preparando a terra, amanhã-a em canteiros para receberem a semente de cebolo. Mais além, os pastores guardam as

vacas e os vitelos que pastam calmamente nos restos do capim recriado pelas chuvas. Os rapazes, entretanto, queimam a lenha seca do algodão, onde vai cair a semente do novo milho. Outros enchem as salas da escola. Mais um grupo nas oficinas a preparar mesas, bancos e carteiras. Tudo nos fala da vida. Agora mesmo, um telefonema da padaria a dizer que temos lá novecentos pães que não foram vendidos e que vamos buscá-los. Pensei logo num pão para a merenda (habitualmente não a temos), ou para acompanhar, de manhã, a tigela do leite. São retalhos de vida.

Dias atrás, vi e ouvi na televisão o mais alto responsável pela defesa do País. Falou da situação militar. Um quadro muito sombrio. Mesmo muito triste. A guerra é morte. Meu Deus, até quando? São retalhos de morte.

Prometi, há tempos, pôr um pouco mais de ordem na assistência aos Pobres e miseráveis que nos cercam. Só quem trouxe uma credencial do centro ou da paróquia onde vive, é atendido. O que aconteceu? São tantos, tantos que não cabem nos papéis! Quem me dera uma pessoa tão experimentada, tão experimentada na vida dos Pobres e miseráveis a quem eu pudesse ajudar! E que fosse capaz de fazer o que eu não sei fazer para que todos fossem bem acolhidos e a minha cabeça mais a da Teresa não ficassem a ferver. Que Deus nos dê paciência e a guerra acabe!

Hoje, de manhã, alguém me deu a notícia de uma festa grande a que muita gente acorreu, aonde se comeu à grande e à farta. Quando digo muita gente, não estou a referir-me à categoria social dos que nos procuram. São outra gente. Fiquei frio com a notícia.

Já me tenho queixado da falta de fraternidade afectiva e efectiva dos que têm muito e dos que têm bastante. É nor-

**DESPORTO** — Como não temos adversários realizamos jogos entre a equipa dos rapazes de Miranda do Corvo e a dos que estudam no Lar de Coimbra. As vitórias têm sido favoráveis aos estudantes.

**AGRICULTURA** — A batata já está semeada, mas não toda. O feijão, o cebolo e as couves crescem em perfeitas condições.

**AULAS** — O terceiro período é muito curto. Devido às nossas Festas os rapazes precisam de estudar com muita garra. Alguns, estão mal; e, noutros, nota-se um grande esforço para conseguirem melhores resultados.

«João Pequeno» e Domingos

### MIRANDA DO CORVO

**FESTAS** — As nossas Festas já começaram. E temos sido bem acolhidos pelos nossos Amigos. As Festas são simples e feitas com tudo o que possuímos. Nós pretendemos transmitir «O sonho de Pai Américo» e a vida da nossa Obra.

**OFERTA** — Todos os anos, por esta altura, grupos de jovens estudantes vêm a nossa Casa para nos oferecerem tudo o que conseguem guardar dos pedidos que fazem. Estes grupos oferecem coisas boas.

Agradecemos a todos os nossos Amigos, do fundo do coração.

Continuação da página 1

e naturais dificuldades, se estabeleceu e tem resistido.

Há anos e já consequência do decréscimo do número de Irmãs válidas para um trabalho tão discreto quanto desgastante, entregaram o Infantário e A.T.L. à Obra de Nossa Senhora das Candeias, para se reservarem ao que era o essencial da sua vocação: o serviço dos Pobres, elas criaditas deles. Agora impõe-se sem apelo, a necessidade de se dividirem ainda mais, o que perturba a regularidade da sua permanência em todos os lugares onde vêm gastando a vida. Será um estar de vez em quando junto dos que se habituaram a tê-las constantemente ao dispor dos seus ais, fossem de que natureza fossem as contrariedades que os faziam gemer.

Há anos que não surgem vocações. No pequeno número que as conta a todas, o peso pende para as idades entre os sessentas e noventas.

## Criaditas dos Pobres

Que espécie de sociedade somos, tão faladora sobre a exclusão social, a pobreza e a erradicação dela, e na qual, para além de Congressos e quejandos, não aparece quem desça ao campo onde a pobreza existe e arrisque a vida por ela?...!

Que Igreja somos, tão ciosa da sua opção preferencial pelos Pobres, mas onde não germinam vocações para lutar por eles e os servir, em comunhão com eles no terreno onde eles vivem?!

Ou será que se pense que, alguma vez, a Justiça do Reino de Deus, fonte única e

não inquinada da Justiça para os homens, pode ser suprida por técnicas ou estratégias ou por qualquer espécie de linguagem que não seja a do amor, porventura silenciosa mas operante «em obras e em verdade»?

Se «Técnico é aquele que ama», como tão bem definiu Pai Américo — então às Criaditas dos Pobres não seria bastante chamar de «Técnico Superior», como pomposamente lemos quase todos os dias no fundo dos ofícios oficiais antes da assinatura. Deveríamos chamá-lhes Técnicas Supremas.

Padre Carlos

mal, parece-nos, nas horas de grande aflição, darem-se as mãos uns aos outros, sem distinções de classes sociais, a não ser do tipo de ajuda que dão. Acontece, porém, no geral, aqui e agora, que o «salve-se quem puder» é a regra de vida. Devia ser o contrário. Metermo-nos no mesmo barco e remar cada um com os seus braços, ajudando-nos mutuamente a atravessar a tormenta, segurando-nos nos braços uns dos outros, seria a garantia da salvação do naufrágio geral. Assim, não. Por isso, fiquei frio com a notícia da grande festa. Os Lázarus ficaram à porta e nem sequer comeram das migalhas. Se foi assim (eu não vi!), faltou algo de muito importante.

Mais um retalho de vida. Sábado passado, convidáramos para tomar parte na erecção da Associação dos Técnicos Agrários de Benguela. Tudo muito simples, mas nobre, como são as pessoas que fazem parte da Associação ora criada. Gostei de tomar parte. Como gostei de estar na erecção duma Cooperativa. São pessoas que entram para o mesmo barco. Dão-se as mãos, não num círculo fechado, mas aberto ao enriquecimento pessoal para ajudarem a comunidade. Este é um caminho certo, a meu ver. É, até, muito necessário num momento como este que Angola atravessa. É que só dando-se as mãos, os que ainda têm saúde e força anímica, é possível caminhar sem se ser pisado; e é possível levantar os caídos, sem culpa, à margem da vida. O princípio — a vida gera a vida — está na base do verdadeiro progresso que ainda se procura na fase terrível que Angola está a atravessar.

A nossa Páscoa esteve bem. Obrigado.

Padre Manuel António

# Malanje

## A guerra suga o bom senso

DEVIDO ao tiroteio deixámos de ir à cadeia com a refeição do costume. Retomámos. A fome e a ansiedade desenhada nos rostos, deixou-nos confusos. Sentimos que não podemos faltar. Muitos deles só têm esta refeição...

Não somente os presos. Há inúmeras famílias que estão fazendo, simplesmente, uma refeição diária.

Não falemos na situação dos refugiados à mercê do punhado de milho velho e porção de óleo que as organizações distribuem.

Há dias, passei nas pontes do rio Lucala e lembrei o estudo dum técnico alemão sobre as suas margens:

«Que, só elas, dariam banana para toda a Europa!»

Porém, mais funesto que a própria fome, a guerra suga o bom senso e cria um vazio profundo em cada coração.

## Uma vida inteira a servir o Povo

PADRE Luís foi um missionário belga que veio para Angola em 1935 e até à sua morte em 1998 nunca foi à sua Pátria!

Uma vida inteira a servir o Povo e, nos últimos anos, uma ajuda contínua aos refugiados.

Foi nesta altura, recordei com emoção, que o Embaixador da Bélgica o foi visitar ao Loquembo — 400 quilómetros de avião e 300

de jeep por picadas esburacadas.

A ternura dum Pátria expressa no gesto do seu representante!

Sei que alguns países acarinham os seus missionários — como a Espanha e a Holanda.

Nós próprios na luta pelo bem das crianças desde o ano de 1960, sentimos como foram gratificantes para nós as três visitas e ajudas da Embaixada da Suécia, duas visitas e uma ajuda do Embaixador da Holanda, uma ajuda do Embaixador da Alemanha, outra ajuda do Governo Basco e, do Governo português, alguns contentores de leite para as crianças.

Com grande mágoa noto que os Missionários portugueses somos cada vez menos. Os poucos continuamos a honrar a nossa Pátria — sem contarmos mesmo com um simples aceno de mão...

Alegra-nos imenso a quantidade de Missionários e Missionárias vindos de Espanha, Brasil, México e Itália.

Que milagre fará renascer o Portugal Missionário?!

Um dia, numa missão distante, encontrei-me, por acaso, no meio do cemitério da Missão e fui lendo: «Aqui jaz Padre Y, Belga; Padre X, Francês; Padre Z, Holandês; e Padre O, Português».

Fiquei comovido e feliz por estar ali no meio do capim um pedacinho de Portugal!

Se este Padre Português tivesse — em vez de mártir por amor — cometido um deslize sexual, a nossa Imprensa o teria feito conhecido de gregos e troianos, levando a notícia aos confins do mundo.

Porque não educarmos, mostrando o bem, o belo e tantos sinais + da nossa terra e da nossa gente?

Padre Telmo

# Festas

## Setúbal

HÁ muitos anos que o tema das nossas Festas vem responder a uma quantidade de perguntas sentidas no ar e às quais replicamos humildemente com a vida.

O método educativo das Casas do Gaiato é dito ultrapassado por ser exigente e por não utilizar as técnicas correntes.

O Padre Américo começou a sua Obra «pequenina» para que crescesse por ela e nela fosse continuamente analisada.

Tal como se faz num laboratório de investigação, assim as Casas do Gaiato são, ao mesmo tempo, e continuamente, um centro de pesquisa com colheita de resultados.

Os Padres da Rua sendo educadores são simultaneamente investigadores, sem regras balizadas, a olhar o conjunto ou o singular guiados pela intuição. Daí que a nossa educação é na vida e com a vida.

Embora possamos ser iluminados por outras experiências, mergulhamos sempre nos casos concretos de cada rapaz, na Lei Natural e no Evangelho como fontes seguras, certas e livres do desgaste.

Padre Acílio

- 5 de Junho — 21.30 h, Escola Salesiana do ESTORIL, CASCAIS.
- 12 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Operária Amorense, AMORA.
- 19 de Junho — 21.30 h, Grupo Desportivo de Sesimbra, SESIMBRA.
- 25 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpetua Azeitonense, AZEITÃO.
- 26 de Junho — 21.30 h, Sociedade Capricho Moitense, MOITA.

## Lisboa

- 23 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja Paroquial da Encarnação — MAFRA.
- 30 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.
- 3 de Junho — Corpo de Deus, 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de FANHÕES.
- 6 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cinema da LOURINHÃ.

## Coimbra

ONTEM foi a nossa Festa na Lousã. A primeira da *tournee* fora de Casa. Prima pela simplicidade. As coisas são ditas no palco com muita naturalidade e beleza. O sonho de Pai Américo é, sem dúvida, a parte mais arrebatadora. Reportando-nos ao tempo em que ele viveu e se confrontou com a miséria, não deixa de sugerir outros cenários actuais onde mudam apenas os sítios e as personagens. Não podia deixar de ser crítica, como se impõe que seja.

O Padre Américo é a personagem central. À sua volta desenham-se os restantes cenários onde se configura o «projecto» educativo das Casas do Gaiato. A educação para os valores está bem patente em toda a peça: o amor à verdade, o exercício da responsabilidade, o trabalho digno, a fé em Deus constituem os verdadeiros suportes de uma educação para a fraternidade.

Uma segunda parte, de divertimento, elaborada com arte pelos próprios rapazes, constitui um momento de descontração sadia.

O melhor da Festa esconde-se no coração dos rapazes. Intuem-no, porém, os olhos dos nossos Amigos. É esse encontro afectivo que as caracteriza e define com singularidade. Esperamos que nas próximas terras as casas se encham deste mesmo espírito, enquanto agradecemos desde já a todos quantos estão tornando possível a sua realização.

Alertamos os nossos Amigos de Mira que lá estaremos também no próximo 29 de Maio, às 21.30, no Salão da Casa do Povo de Mira.

Padre João

- 22 de Maio — 21.30 h, Salão dos Bombeiros Voluntários de TOMAR.
- 23 de Maio — 15.30 h, Teatro Académico Gil Vicente, em COIMBRA.
- 29 de Maio — 21.30 h, no Salão da Casa do Povo de MIRA
- 30 de Maio — 15.30 h, Casino da FIGUEIRA DA FOZ.
- 5 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro Aveirense, AVEIRO.
- 10 de Junho — 15.30 h, Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.
- 11 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro da COVILHÃ.



Ruínas onde têm vivido nove pessoas, pais e sete filhos. Estão a ser transformadas em casa de habitação.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

# Esperanças a ter solução

O pedido de ajuda que nos chegou, vinha acompanhado dum resumo da situação das famílias e do orçamento para as obras. Ficámos esperançados, pois vimos o compromisso do Grupo de Bem-Fazer daquela grande paróquia com o seu pároco. Logo que possível, fomos inteirar-nos.

A certa altura da viagem encontramos uma das aldeias que nos tinham indicado. Informaram e dirigimo-nos à habitação em causa. Um pouco escondida no quintal, que já foi todo cultivado, encontramos a casota com as paredes em ruínas, parte dela já escorada com traves de madeira e outra extremidade com duas divisões remediadas, mas com todas as paredes exteriores esburacadas e com aspecto de ruir. As duas divisões, a da entrada serve de cozinha e para o resto do dia; a outra tem três camas grandes onde dorme toda a família: pais e sete filhos, o mais velho de dez anos e os dois mais novos, gémeos, de sete meses. Os dois pequeninos estavam em cima da cama com os olhinhos abertos, mais nos pareceram dois anjos.

O chefe de família é operário nas obras e só pede os materiais. Ele, com os amigos, farão o resto. É operário capaz e competente.

Nalgum terreno do quintal está plantada hortaliça e semeada alguma horta.

Despedimo-nos e partimos dali com esperança de que a ajuda que demos conseguirá ajudar esta família a ser mais feliz.

DEPOIS de darmos muitas voltas à procura, encontramos a outra aldeia e, nesta, a família procurada. Entrámos por um portão grande e no pátio interior encontramos um mundo de diversas coisas, em desalinho, à mistura com muita sujidade.

Apareceu o dono. Dissemos que íamos visitá-los. Um pouco a custo deixou-nos entrar no aposento que serve de cozinha. Estava a esposa e os seis filhos. À lareira a filha mais velha sentada, tinha ao colo a irmãzinha mais nova. Chovia e o chão velho, de cimento, mostrava muitas pocinhas de água. O telhado é de telha antiga e com muitos buracos. Ao lado da cozinha fica o aposento dos pais. Os filhos habitam do lado oposto, no outro aposento de escuridão. Não há janelas e as portas já não funcionam. Toda a casota térrea era dos avós e nunca teve obras. O telhado está a alagar e as paredes sem rebocos e muito pretas. Não há casa de banho. O pátio serve para tudo.

O chefe de família notou a nossa má impressão. Falámos da criação e educação dos filhos naquele ambiente. Revelámos as obras que nos parece-

ram indispensáveis: mais um quarto, casa de banho, telhado novo, abrir janelas e reboco nas paredes. O terreno tem capacidade para estas obras. Animámo-lo a decidir-se e aceitar a ajuda.

Mudou de semblante. Começou a confiar e a fazer projectos. Mostrou o forinho feito por ele e onde todas as semanas cozem a boroa. Foi mostrar-nos a parede onde poderão ficar as janelas e quis que observássemos o telhado vergado e já partido. Chamou a nossa atenção para tudo e ficou esperançado na ajuda que lhe têm oferecido.

RUMAMOS para outro concelho para acudir à mãe que nos havia telefonado a pedir ajuda para um quarto para o filhinho muito doente das vias urinárias. Por causa da saúde do menino já tiveram de deixar a sua aldeia no interior e vir viver à beira mar.

Ajudámos a fazer uma casinha, só com duas divisões, e casinha de banho. Agora, sentem a necessidade de um quarto para o doente. Os outros filhos continuarão a dormir numa divisão feita com panos.

Deixámos um cheque assinado para entregar ao pároco da freguesia, responsável pelas ajudas do Património dos Pobres e regressámos a casa.

Padre Horácio